

## A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM PARA OS DISCENTES INDÍGENAS

Beatriz Carneiro da Silva<sup>1</sup> – Unifesspa  
Sâmia Regina Mourão de Sousa<sup>2</sup> -Unifesspa  
Professora Dra Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira  
(Coordenadora do Projeto)<sup>3</sup> – Unifesspa

**Área de conhecimento:** Lingüística, Letras e Artes

**Agência Financiadora da Bolsa:** Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PROEG (\*para trabalhos vinculados aos Programas de Ensino/PROEG)

**Programa de Ensino:** Programa de Apoio ao Estudante Indígena (Edital 03/2022 e 16/2022).

**Resumo:** Este trabalho é uma revisão acerca das experiências adquiridas durante a realização do Projeto de Apoio ao Estudante Indígena, tendo em vista que este projeto tem objetivo auxiliar os discentes indígenas que ingressam no ambiente acadêmico. Partindo disso, este trabalho pretende mostrar como o projeto sucedeu durante o período de quatorze meses, iniciando em março de 2022 e finalizando em maio de 2023. Inicialmente, a respeito de sua definição e objetivos dentro da universidade, logo mais, indicando como de fato ocorreu, a partir da metodologia utilizada pelas discentes bolsista e voluntária do projeto, que realizaram diversos atendimentos durante esse período e puderam constatar as dificuldades dos alunos em relação ao uso da tecnologia, língua portuguesa e produção de trabalhos acadêmicos. Diante destas dificuldades, foram feitos atendimentos presenciais e remotos, respeitando o tempo dos discentes indígenas, um fato de cunho cultural. Além disso, este trabalho visa mostrar os resultados e avanços dos discentes indígenas em relação a todas as dificuldades de foram inicialmente constatadas.

**Palavras-chave:** Discente indígena; Tecnologia; Auxílio; Língua Portuguesa;

### 1. INTRODUÇÃO

É notável que, recentemente, os povos originários têm ocupado cada vez mais o seu espaço dentro das universidades. No entanto, essa conquista tão atual, ainda faz com que eles tenham muitas dificuldades em acompanhar os parâmetros do ensino superior em nossa sociedade. Tendo em vista suprir essa necessidade de auxílio dentro da universidade, o Programa de Apoio ao Estudante Indígena - PAIND foi criado dentro da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), com o objetivo de que bolsistas do projeto ficassem responsáveis por prestar auxílio a todos os discentes indígenas que precisassem de apoio.

Diante disso, montamos cronograma de ações para prestar apoio aos discentes indígenas, com o intuito de facilitar a aprendizagem dos mesmos e realizações de trabalhos. Para mais, trouxemos como base teórica *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*, por José Armando

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa (ILLA/Unifesspa). Bolsista do Programa (de Ensino) PAIND - Programa de Apoio ao Estudante Indígena. E-mail; [beatriz.silva@unifesspa.edu.br](mailto:beatriz.silva@unifesspa.edu.br).

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa (ILLA/Unifesspa). Voluntária do Programa (de Ensino) PAIND - Programa de Apoio ao Estudante Indígena. E-mail; [saminha.ss@unifesspa.edu.br](mailto:saminha.ss@unifesspa.edu.br).

<sup>3</sup> Doutorado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil(2013). Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), vinculada ao Instituto de Lingüística, Letras e Artes (ILLA), com atuação na Faculdade de Letras (FAEL); Professora do Programa de Mestrado Profissional e Letras (PROFLETRAS).

Valente e *Enseñanza de Lengua indígena como lengua materna*, por Viviana Galdames, Aida Walqui e Bret Gustafson, a respeito do acesso dos povos originários à tecnologia e uso de língua não materna.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste projeto, inicialmente montamos um cronograma com atividades de apoio como oficinas e reuniões, no entanto, devido a problemas de tempo, locomoção e conexão por parte dos alunos indígenas, optamos por atendimentos presenciais ou remotos, nas terças feiras e quintas feiras pelo período da tarde. Diante disso, como ainda não havia um local destinado somente a esses atendimentos, ocupamos a sala que estivesse disponível naquele determinado dia, sendo ela sala de aula, laboratório e até mesmo em espaços menos reservados como a lanchonete da universidade, além disso, quando os atendimentos eram feitos remotamente, a aluna bolsista prestava auxílio estando em sua residência, uma vez que não havia necessidade de um local formal para o atendimento. A partir desses auxílios prestados remotamente, foi possível notar a dificuldade dos alunos em lidar com os elementos tecnológicos, havendo assim, a necessidade de intermediá-los também no uso das ferramentas tecnológicas para realizarem trabalhos acadêmicos.

Ademais, foi criado um grupo no *Whatsapp*, a fim de que facilitasse a comunicação entre os discentes, todavia, a maioria dos atendimentos remotos aconteciam em conversas privadas com a aluna bolsista. Assim, os atendimentos sempre ocorriam de acordo com a necessidade de cada aluno, dessa forma, muitas vezes o atendimento era feito somente com o discente que naquele momento necessitava de apoio para realizar alguma atividade acadêmica, variando de coisas simples como acessar o e-mail institucional à atividades acadêmicas mais complexas como resenhas e outros trabalhos exigidos durante as disciplinas de cada curso. Por fim, o método de ensino também variava de acordo com cada discente, alguns somente escutavam as instruções, enquanto outros precisavam de instruções com exemplificações de como fazer determinadas atividades.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, é necessário ressaltar que os discentes indígenas, por questões culturais, possuem um tempo diferente de aprendizagem. Nesse sentido, era necessário se adequar na medida do possível, ao tempo deles, resultando em atendimentos em horários e dias fora dos destinados para tal realização. Para mais, como dito anteriormente, durante o período do projeto foi possível perceber que a maior dificuldade dos discentes era a respeito das ferramentas tecnológicas, o que nos leva a pensar que a tecnologia não é inserida dentro educação básica destes alunos, gerando dificuldades não só em realizar atividades acadêmicas, como também em se conectar com os avanços da sociedade. Nessa perspectiva, afirma Valente (2015):

A inclusão dos indivíduos nas novas tecnologias à medida que aprendem e reestruturam sua língua indígena não é simplesmente capacitá-los para que sejam capazes de interagir com as máquinas; o desafio é promover uma mudança social com foco na preservação de sua identidade cultural, em especial, no seu vocabulário. (Valente, 2015, p. 17)

Nesse sentido, a inserção da tecnologia dentro das comunidades indígenas, não seria somente para mantê-los atualizados a respeito de todas as situações da sociedade, mas também os auxiliaria na aprendizagem de uma língua que pode ser até mesmo desconhecida por eles, pois como citam Galdames, Walqui e Gustafson (2006)):

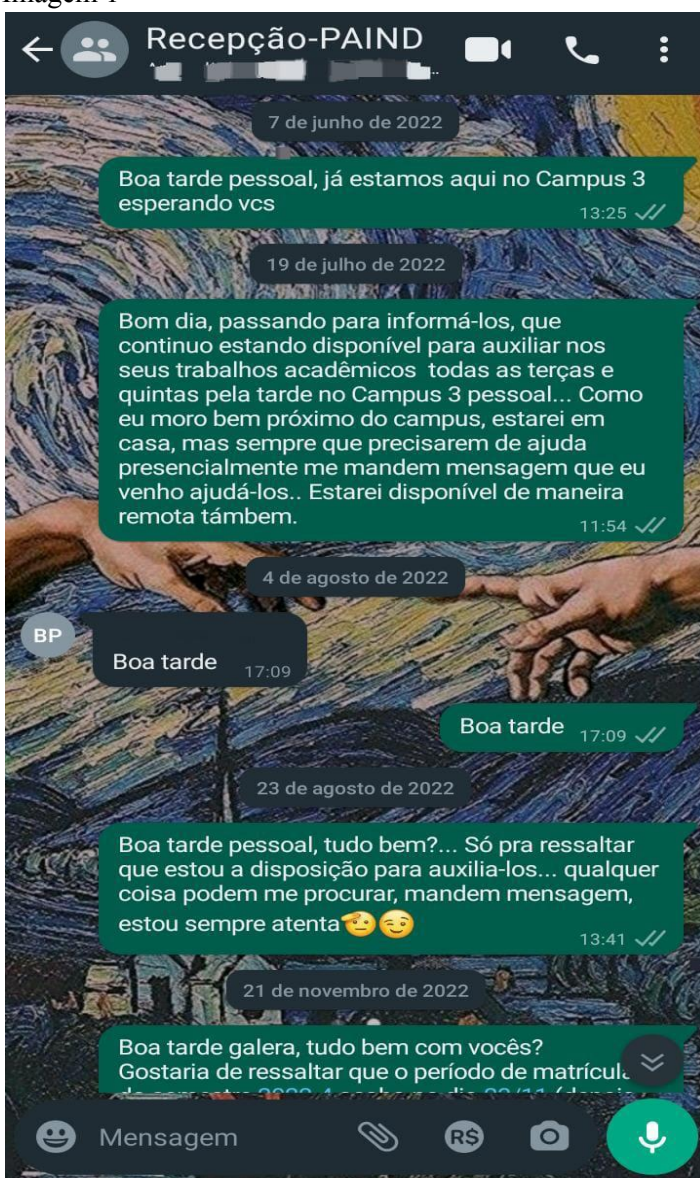
Ao aprender sua língua materna, cada menino e menina é registrado dentro de uma cultura, que influenciará fortemente a visão que irá construir sobre o mundo. Quando as crianças percebem que sua cultura e linguagem constituem valores para outros, que são reconhecidos como legítimos e valiosos nos contextos sociais em que se desenvolvem, sua imagem pessoal e sua identidade sociocultural serão de orgulho e confiança. (Galdames, Walqui e Gustafson, 2006, p. 18)

Dessa forma, durante a realização do projeto, os discentes indígenas puderam obter

conhecimentos básicos de informática e da língua portuguesa, que não era a sua língua materna, o que com o passar do tempo, foi facilitando a aprendizagem deles nos atendimentos em que era necessários auxílio para produzir trabalhos acadêmicos e resolver questões ligadas ao e-mail institucional, realização e trancamento de matrículas, assim também como inscrição em eventos da universidade.

A priori, os alunos indígenas se mostraram um pouco receosos em pedir ajuda, mas com o passar do tempo, já havia sido estabelecida uma relação com a aluna bolsista que permitia que os mesmos se sentissem à vontade para pedir auxílio, cabe ressaltar que a maioria dos alunos já faziam parte do projeto há um tempo considerável e já conseguiam realizar mais atividades sem necessitar de grandes auxílios, o que nos mostrou uma evolução na aprendizagem destes alunos, dessa maneira, apenas alguns dos discentes envolvidos no projeto há menos tempo, pediam intermédio regularmente, o que também foi mudando com o decorrer do tempo e ao final, já estavam bem familiarizados tanto com os trabalhos acadêmicos, quanto com as tecnologias. Para mais, a comunicação no grupo do *Whatsapp* era bem precária, uma vez que os alunos indígenas não se sentiam à vontade para interagir, diferentemente das conversas no privado, onde eles conseguiam se expressar de maneira mais fácil, como é possível perceber nas imagens 1 e 2 abaixo:

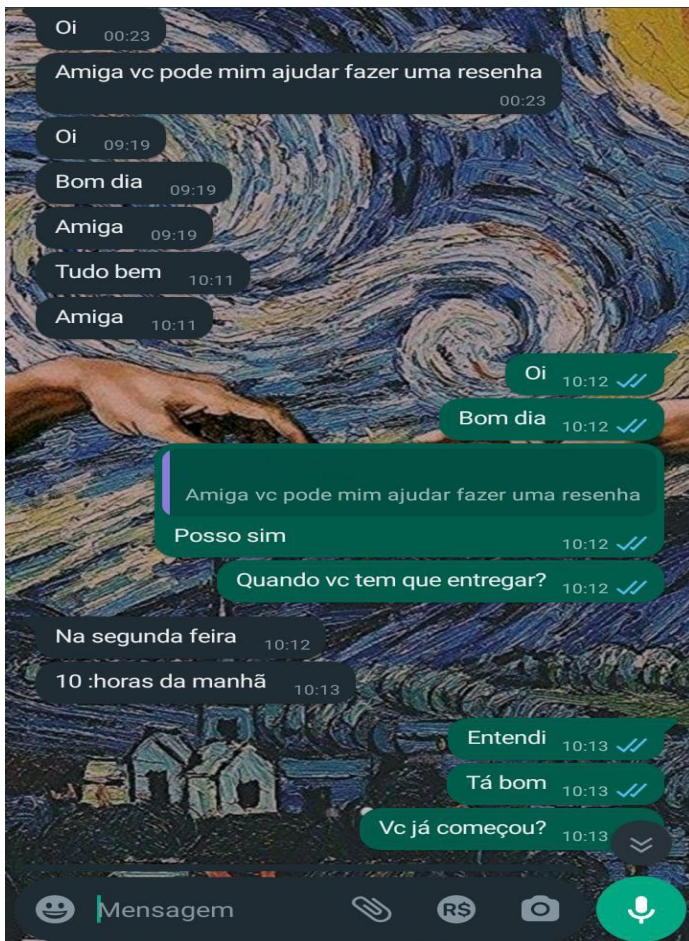
Imagem 1



Print de conversa no grupo de *Whatsapp*, para atendimento dos alunos e informes acadêmicos a respeito do projeto .

Fonte: Bolsista, 2022

Imagem 2



Print de atendimento da aluna bolsista ao discente indígena no *Whatsapp* privado.

Fonte: Bolsista, 2022

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a realização deste projeto proporcionou aos discentes indígenas, uma maior confiança em realizar trabalhos acadêmicos e utilizar as ferramentas tecnológicas disponíveis, além de uma interação com discentes de diferentes culturas, o que enriqueceu culturalmente os dois lados. Ademais, o projeto se mostrou de suma importância para o ambiente acadêmico, uma vez que a inserção de discentes indígenas dentro das universidades tem se tornado maior a cada dia, ou seja, os povos originários têm ocupado o seu espaço no ensino superior, diante disso, as dificuldades de interação também aumentaram e com a criação do projeto de apoio ao estudante indígena, estes puderam se expressar e realizar suas atividades como qualquer outro discente já inserido neste contexto. Para mais, a experiência de participar deste projeto, proporcionou às discentes bolsista e voluntária, uma maior capacidade de ensino e compreensão, além de ter a oportunidade de ter um contato direto com uma outra cultura.

## 5. REFERÊNCIAS

VALENTE, José, Armando. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação / Organizadores, Lilian bacich, Adolfo tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, p. 16-17. 2015

GALDAMES, Viviana; Aida WALQUI; Bret GUSTAFSON. **Enseñanza de Lengua indígena como lengua materna**. México: GTZPROEIB Andes-SEP. 2006